



A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA E A SENSIBILIZAÇÃO AMBIENTAL NOS MUSEUS NATURAIS DE JOSÉ HIDASI

Thaise Cristiane de Abreu Prudente¹, Rosangela Terezinha Perotti², Michelle Almeida Generozo³, Alessandra Prudente de Abreu⁴, Waira Manoela Perotti Schmidt⁵, Lorena Lopes de Almeida Aquino⁶

¹Física, Matemática, Turismóloga, especialista em Docência Universitária e Mestre em Gestão do Patrimônio Cultural da PUC/GO (fisipatri@yahoo.com.br)

²Bióloga, especialista em Educação Ambiental e Mestre em Gestão do Patrimônio Cultural da PUC/GO, Goiânia. Brasil

³Graduada em Gestão de Órgãos Públicos pela Uni-Anhanguera

⁴Licenciada em Matemática pela Fundação Universidade do Tocantins

⁵Bióloga e especialista em História Cultural pela Universidade Federal de Goiás

⁶Turismóloga pelo Instituto Federal de Educação Tecnológica de Goiás. Brasil

RESUMO

José Hidasi é um naturalista ornitólogo, que, imbuído da tradição alemã, chegou ao Brasil em 1950, e através da taxidermia e da recorrência às memórias indígenas, construiu um patrimônio científico e cultural, trabalhou na organização e restauração de acervos dos Museus do Brasil e do exterior e idealizou um museu Itinerante, pioneiro na popularização da Ciência junto às comunidades do país. Os acervos de José Hidasi bem como os documentos etnológicos produzidos pelos naturalistas são patrimônios que contribuem para a formação da identidade social.

PALAVRAS-CHAVE: José Hidasi, identidade, museu natural.

ABSTRACT

José Hidasi is a naturalist Ornithologist, that, whit the tradition German, came to Brazil in 1950, and through taxidermy y indian memory, built a scientific and cultural heritage, worked in the organization and Restoration of Museums of holdings in Brazil and abroad and think a museum Itinerante, pioneer in the popularization of science among the communities of the country. Collections of José Hidasi and the documents ethnolics produced by naturalists are assets that contribute to the formation of social identity. Disregard these productions would discard the roots identities.

KEYWORDS: Jose Hidasi, identity, nature museum.

INTRODUÇÃO

O patrimônio cultural produzido pela vertente naturalista com a construção dos acervos culturais e científicos em museus será observado ao longo da trajetória biográfica de José Hidasi. O húngaro naturalizado brasileiro Ifjú Vitéz Hidasi József Péter ou José Hidasi chegou ao Brasil em 1950, atraído pela pesquisa da avifauna. Participou de expedições científicas para o estudo da fauna brasileira, exerceu o ofício de taxidermista e auxiliou na composição e restauração de acervos de diversos museus. Construiu um patrimônio científico e cultural cujo valor de documentação contribuiu para a Memória Natural e para revalorizar o discurso da comunidade indígena. Divulgou a ciência por meio de seu Museu Itinerante, chamando a atenção da comunidade e influenciando gerações.

Para conseguir as informações das quais necessitava, Hidasi recorreu às memórias indígenas, e acabou por aproximar o homem urbano à fauna brasileira, de maneira que seu trabalho tornou-se um marco nas memórias coletivas daqueles que conheceram seus acervos.

METODOLOGIA

O caminho percorrido pela pesquisa passa por refletir, a priori, a identidade nacional contemporânea e o distanciamento com o ambiente natural, sob o ponto de vista de Barth (1969), Renato Ortiz (1985), Damatta (1998), Adorno e Horkheimer (1945) e Bourdieu (1999). Em seguida, buscamos analisar a trajetória histórica dos Naturalistas Ornitólogos no Brasil, sob o ponto de vista de Prestes (2000), Shwarcz (2003) e Abreu (1996).

As trilhas desta investigação passam a abordar as pesquisas elaboradas por Hidasi, bem como seu trabalho em museus de ciências naturais lançando mão para tanto de entrevistas com o próprio Hidasi, com artistas e pesquisadores e engendrando ainda uma análise bibliográfica alicerçada em Hidasi (1962), Gaspar (1993), La Penha (1991), Schwartzmann (1979), Zanetinni (2004) e Halbwachs (1990).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como sabido, a comunidade indígena estabelece uma íntima relação com o ambiente natural, de modo que as identidades dos índios, que ressalta o que é comum ao grupo ao mesmo tempo em que os diferencia dos demais, passa por memórias relacionadas a essa relação com a natureza. A sociedade contemporânea, todavia, olvidou-se dessa relação homem *versus* natureza aderindo à indústria cultural e aos valores consumistas/capitalistas, tendendo a um modo de vida cada vez mais relacionado ao uso das novas tecnologias e distante do ambiente natural. O

pesquisador José Hidasí, contrariando essa tendência, recorre às memórias indígenas e busca fortalecer a relação do sujeito contemporâneo com a biota.

Conforme Barth (1969), é preciso ter cuidado quanto à seleção do que deve ser lembrado e o que deve ser marca de uma identidade. Inventando-se tradições e forjando identidades, instituindo conjunto de práticas reais, simbólicas, invariáveis e repetidas, a sociedade contemporânea engendra um modo de vida que desconhece elementos comuns da fauna e flora nativos, homogeneizando a aldeia global. Partindo das idéias de Lévi-Strauss no tocante a cultura, Renato Ortiz (1985) sugere que a identidade nacional seja um projeto construído na tentativa unificar em um só discurso toda uma gama heterogênea que compõe a realidade, de modo que acaba por haver uma tentativa de homogeneização, impondo uma forma única de cultura brasileira que relega as demais; por outro lado Damatta (1998) ressalta que, ainda que haja a tentativa de unificação cultural no Brasil, há vários “brasis”, isto é, existem múltiplas faces culturais no país. As diferenças regionais e étnicas foram construídas histórico-socialmente em um processo gradual, que subordina, sob o Estado-nação, os grupos dominados, de modo a tornar-se uma estratégia de significados para as identidades culturais modernas, que por sua vez, conforme Adorno e Horkheimer (1945), baseiam-se no uso intensivo de tecnologia concomitante ao afastamento do ambiente natural.

Em um país com dimensões continentais como o Brasil, há uma acentuada dificuldade de se situar a identidade dentro de uma lista tipificada de opções, que demanda uma rearticulação das auto-interpretações coletivas com relação a própria história brasileira, às possibilidades e perspectivas de futuro, exigindo o esforço de se repensar nas múltiplas faces que compõem a identidade nacional e é neste repensar que Hidasí se destaca tentando resignificar a relação homem X natureza, por meio da reapropriação do discurso dos grupos dominados, os índios.

O distanciamento com o ambiente natural ocorre, segundo Bourdieu (1999), na medida em que o campo dominante, cada vez mais imponente com a consolidação do neoliberalismo, seleciona o que deve ser lembrado em uma sociedade conforme o que lhe convém para sua perpetuação no poder; mas, contrariando essa idéia, Hidasí leva ao homem urbano aspectos do ambiente natural, mostrando as particularidades da fauna brasileira; e para tanto recorre às memórias indígenas, socialmente excluídas, de forma que seu trabalho torna-se um ícone nas lembranças coletivas do homem urbano sob contato com seu acervo museológico e científico.

Os recentes acervos de Ciências Naturais estão relacionados com os trabalhos dos naturalistas dos naturalistas ornitólogos que atuaram no Brasil no século XX, que têm sua contextualização nos termos da História natural, praticada no século XVIII até o século XIX. Um dos pesquisadores de destaque desse período é o filósofo naturalista soteropolitano Alexandre Rodrigues Ferreira, que, entre 1783 e 1792, percorreu as capitanias do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá, pesquisando a fauna, flora e minerais do Brasil. Em 1817, chegou ao Brasil, outro importante pesquisador Johannes Natterer, que também realizou viagens exploratórias pelo Brasil e coletou, classificou e enviou os seus materiais para os museus (PRESTES, 2000). Conforme Mary Louse Pratt (1999), a atenção dada à Natureza atrativa e exuberante serviu inicialmente tanto como instrumento científico como para o domínio imperial.

Esta primeira fase encerrou-se com um novo método de observar e investigar a natureza que expandiu o caminho para a institucionalização da História Natural no século XX. Em 1905, a pesquisadora alemã Emilie Snethlage chegou ao Brasil convidada pelo importante naturalista brasileiro Emílio Goeldi e em seguida chegou o também alemão Helmut Sick, ambos ornitólogos, apesar de nunca se encontrarem, canalizaram suas atenções nas aves nativas do Brasil.

Do século XVII até meados do século XX, segundo Shwarcz (2003, p. 28): “O que se destaca é uma visão encantada de natureza, lida a partir de lentes naturalistas que estetizam o fenômeno e abrem mão de ambientes históricos e conflitos sociais”. Por outro lado, Woortmann (2004) acredita que a idéia de exótico e selvagem é anterior à “descoberta” do Brasil. A antropóloga Regina de Abreu também salienta que o “Brasil era palco de viagens e excursões de naturalistas estrangeiros que aqui coletavam vestígios de culturas em extinção. Evidentemente, consideravam que esses vestígios estariam mais bem preservados nos museus metropolitanos (ABREU, 1996, p.163)”.

Imbuído da tradição naturalista alemã, mas levando em consideração o ambiente histórico e os conflitos sociais, José Hidasí chegou ao Brasil em 1950, e através da taxidermia construiu um patrimônio científico e cultural, e foi pioneiro no país na popularização da Ciência junto à comunidade.

Ifjú Vitéz Hidasí József Péter nasceu em Makó, na Hungria, em nove de maio de 1926, filho de Joseph Hidasí e Puaszka Király. Estudou na Escola Superior *Szecedí Tanárképző Főiskola*, na Hungria, cursando História Natural e Geografia. Passou pela Alemanha e França e, em 1950, quando mudou-se para o Brasil, produziu importante acervos da fauna brasileira, considerando a existência das contradições e diferenças na constituição da identidade nacional, de modo que o estudioso ponderou a forma como a cultura nacional tece as diferenças numa unificação em que prevalece o discurso da classe dominante, excluindo as memórias de grupos dominados, como os indígenas.

O naturalista recorreu aos saberes indígenas e às suas memórias na tentativa de eternizar, via taxidermia, elementos da fauna nativa. A partir da memória coletiva indígena e da busca por resignificar a relação do homem com a natureza, Hidasí começou a trabalhar na organização de museus. Em 1950, trabalhou na Divisão de Caça e Pesca do Ministério da Agricultura, onde conheceu Helmut Sick, que o levou para o Museu Nacional para auxiliá-lo na taxidermia. A parceria com o Dr. Sick fez com que José Hidasí percorresse as florestas da Amazônia, da Mata Atlântica e do Cerrado, pesquisando e revelando a diversidade na criação de museus, entre eles o Museu da Fundação Brasil Central, em Aragarças, no Estado de Goiás.

O Museu da Fundação situava-se às margens do Rio Araguaia e mais tarde, quando diminuíram os serviços da Fundação Brasil Central, estes acervos foram enviados para a capital, Brasília, que estava sendo construída. Anos mais tarde, Hidasí e sua esposa Maria Madalena Sobreira do Amaral, mudaram-se para Goiânia, em razão de uma doença do primeiro dos seus cinco filhos e para esta cidade foi transferido o zoológico da Fundação Brasil Central. José Hidasí chegou a Goiânia em 1954, trabalhou na Secretaria da Agricultura do Estado de Goiás como naturalista e foi um dos fundadores do Parque Zoológico de Goiânia, em 1956, onde criou o Museu de Zoologia do Parque Educativo.

Em 1959, foi convidado para reorganizar o Museu Paraense Emílio Goeldi. Viajou até Rondônia e, durante a viagem, em 1960, escreveu “*Notas da Fauna e Índios numa Viagem de Coleta em Rondônia*”, publicado em 1962 pela Secretaria de Educação e Cultura de Goiás. Nessa publicação, relatou o que ouviu e presenciou em suas viagens, como, por exemplo, o ritual do canibalismo funerário dos Wari (Pacaas Novos), analisado também antropóloga Aparecida Vilaça em sua tese “*Comendo como gente*”, publicada em 1992, na qual trata do canibalismo Wari, tanto o literal como o figurado, com ênfase na cosmologia, guerra, xamanismo e rituais. Os estudos de Aparecida Vilaça vão ao encontro do que narra Hidasí acerca do rito de se comer os mortos, sendo clara a forma como o José Hidasí presta atenção aos detalhes e constrói os seus relatos etnográficos sobre os índios Wari, nos quais encontramos o que Marshall Sahlins (1997) chama de ‘pessimismo sentimental’, ou seja, a convicção de que o sistema de vida nativa estava fadado à extinção.

Em 1962, José Hidasí naturalizou-se brasileiro e partiu para mais uma expedição sobre a região ainda desconhecida entre o Brasil e a Venezuela. Suas anotações mais tarde foram publicadas pela Secretaria de Estado da Educação e Cultura, como *Notas de uma Viagem de Reconhecimento às Cordilheiras do Parima (Fronteira do Brasil com a Venezuela)*. Trata-se de uma narrativa cheia dos detalhes de como a coleta e a pesquisa em busca de espécies desconhecidas faziam com que os expedicionários se embrenhassem mais nas matas afastadas. Em uma mescla entre os estudos da fauna e alimentação indígena, Hidasí se refere aos Waicas:

Eles vivem quase exclusivamente da caça, comendo até os mais repugnantes seres, como o horrível sapo cururu e o pouco recomendável urubu. Dentre as aves da família dos Silviideos, coletei três exemplares de uma só espécie, que desconhecia e que provavelmente não figuram em livros técnicos como espécies brasileiras. Troquei com os índios, ainda algumas peles de aves (galo-da-serra, anambé azul, araçari, tucano, inhambu, uru, araçari, mutum de penacho) (HIDASÍ,1962, notas *mimeo*).

José Hidasí acaba por elaborar um trabalho etnográfico acerca dos índios, na medida em que descreve seus costumes, modos de vida, etc. Menciona, por exemplo, que os índios passavam a noite de sobreaviso, prevenindo a possibilidade de um ataque inimigo. Narra que dormiam em redes feitas de casca de madeira ou de tecidos de algodão bruto, penduradas na borda do fogo, que ardia a noite inteira no meio da casa. Descreve que faziam fogo por fricção na madeira e que a maioria andava completamente nua, sendo que algumas mulheres usavam tangas, feitas de fio de algodão e, ainda, havia o hábito de furar orelhas, o nariz e lábios inferiores para colocarem enfeites.

Usam cabelo curto, deixando no alto da cabeça uma careca redonda, tipo frade. São egoístas com as crianças. Não ajudam os doentes, que morrem sem comida ou qualquer assistência. A morte não provoca consternação entre eles. O morto é enterrado perto da maloca onde vivia. (HIDASÍ,1962, notas *mimeo*).

Em sua narrativa, comenta sobre a *Festa da Troca*, em cujos festejos tomavam bebidas entorpecentes e caldo de frutas silvestres. Na etnologia contemporânea os Waicas são conhecidos com Yanomamis. Conforme destaca José Hidasi, não havia cerimônia de casamento e a mulher waica, mal atingindo a idade da puberdade, já possuía marido. Assim, o pesquisador foi construindo um riquíssimo trabalho etnográfico que lhe possibilitou compreender a fauna brasileira e organizar importantes acervos ornitológicos em pioneiros museus.

Em 1964, Hidasi ocupou o cargo de mentor do Museu Zoológico e Etnológico de Porto Velho, onde fez coletas. Publicou em 1966, em Goiânia, "*Álbum de Aves de Goiás - As corujas - 1ª parte*". Residindo em Goiânia, criou o Museu de Ornitologia de Goiânia em 1968, que, consolidado, viria a ser o maior acervo científico ornitológico do cerrado. Hoje são mais de 120 mil peças museológicas espalhadas por três casas interligadas por corredores e escadas.

Sua coleção é formada principalmente por aves, mas também insetos, mamíferos, répteis, peixes, moluscos e artrópodes, numa coleção representativa não só do cerrado, mas de espécies outros países. O Museu revela-se um patrimônio científico e cultural, construído através de uma antiga arte ou ciência praticada pelos egípcios, a taxidermia. (*taxi*: ordenamento/dar forma; *derme*: pele; é a técnica de empalhar animais).

A etiqueta devidamente preenchida é o passaporte do animal empalhado para a sua entrada no mundo científico e, como se refere José Hidasi, também "para a eternidade". Se para Freud (1997 [1915], p. 345) a imortalidade não "pode reivindicar seu direito à realidade", para Hidasi ela é possível, via taxidermia, conseguindo por um determinado tempo eternizar seus animais, mesmo que de forma vivificada.

No filme "Cegonha Dourada", que concorreu ao IV Festival internacional de Cinema e Vídeo Ambiental na Cidade de Goiás (FICA) de 2004, Hidasi relata o seu trabalho, explicitando, por exemplo, que desde 1967, deixou de praticar a caça, quando a Lei 5197 de três de janeiro foi implantada, proibindo a caça e o comércio de animais silvestres. Passou então, a empalhar apenas os animais vítimas de acidentes ou mortos por causas naturais, e assim foi construindo seu acervo que seria apresentado no Museu Ornitológico.

Gaspar (1993) salienta que os museólogos comparam-se com dois movimentos de memória: um que se dirige ao passado e lá se paralisa e outro que se orienta para o presente. Às instituições de memória, em particular os museus, é freqüentemente atribuída a função de guardar os tesouros. Ao construir museus, Hidasi, guarda testemunhos materiais da fauna de determinados períodos históricos, em que associam-se valores simbólicos de diferentes matizes, de modo que, o tesouro protegido nos seus museus não está essencialmente relacionado a valores monetários. Na realidade, é a tentativa de construção de uma tradição que possa ligar o presente ao passado.

Aliás, a ligação presente-passado esteve relacionada à idéia de museu, desde o surgimento deste. Os primeiros museus públicos ocorreram nos séculos XVII e XVIII e foram se diversificando, repercutindo as condições sociais e políticas da época e a evolução das tendências intelectuais. Começaram a surgir os museus históricos ou nacionais, instigados pela ascensão do nacionalismo, e os museus etnológicos,

resultados da expansão colonial. O progresso científico e a revolução industrial deram origem aos museus de ciências e tecnologia, ao passo que o impacto da teoria de Darwin influenciou na propagação de museus de história natural. No Brasil, no decorrer do século XIX, primeiro o Museu Nacional do Rio de Janeiro e em seguida o conjunto dos museus brasileiros contribuíram no processo de institucionalização das Ciências Naturais no país. Criado por D.João VI a seis de junho de 1818 e com a designação de Museu Real, deu continuidade à Casa de História Natural. Em 1866 funda-se o importante Museu Paraense, a partir de estudos sobre a natureza amazônica. Começam a surgir importantes atores sociais como Von Ihering que ajudou na fundação do Museu Paulista em 1894; e Emílio Goeldi que procurou fazer do Museu uma reprodução dos museus europeus (LA PENHA, 1991). A partir da década de 20, o Museu Paulista, o Museu Paraense e o Museu Nacional entraram em decadência e só em 1957 criou-se o Museu de Ciências do Instituto Butantan (SCHWARTZMANN, 1979). Onze anos mais tarde, em 1968, é fundado por Hidasí o museu Ornitológico de Goiânia.

A partir da composição de suas coleções, Hidasí passou a expor seu trabalho de animais taxidermizados após meados da década de 1960. Em 1965, fez um “puxado” com caibro que cobriu com lonas, para compor uma exposição. Colocou animais do cerrado e principalmente animais com anomalias, de diferentes regiões do mundo, que chamavam mais atenção do público. Armou a sua pequena exposição em frente à prefeitura: “naquele tempo o espaço era de graça, hoje é caríssimo! Coloquei um lobo guará em cima do improvisado puxado e coloquei o nome de Belezas Naturais” (HIDASÍ, em entrevista de 08.08.2005).

Começou a notar as reações do público que passava curioso em frente da sua pequena exposição e, como já havia tirado as licenças para o seu funcionamento, colocou um preço popular. Para sua surpresa, até o governador da época, Otávio Lage, e seu secretariado conheceram o seu acervo e o convidaram para expor na Exposição Agropecuária de Goiânia: “Nunca ganhei tanto dinheiro, num único dia! (HIDASÍ, em entrevista de 08.08.2005)”. Esse foi o início do que viria a ser o Museu Itinerante ou Museu Volante. O pequeno e improvisado Museu começou a circular por cidades próximas a Goiânia. Juntou capital e investiu em um caminhão de transportar bois, a fim de que percorresse maiores distâncias. Aproveitou as madeiras e ampliou seu museu em cima do caminhão, obtendo mais espaço para expor maior número de animais e podendo trabalhar com a iluminação.

Partiu para o interior do Mato Grosso, chegando à capital, Cuiabá. Trabalhou como professor na Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT) a convite do reitor. Ajudou na composição dos acervos culturais e científicos dos Museus das Monções e Didático de História Natural da universidade. Com um novo projeto do Museu Itinerante, José Hidasí vendeu o caminhão e comprou um ônibus.

Tornar-se-ia um pioneiro no Brasil nesse tipo de trabalho de divulgação da fauna do cerrado, do apelo contra a devastação e da Educação Ambiental. Viajou pelo país por cerca de vinte anos, encabeçou e embasou campanhas educativas que repercutiram no imaginário coletivo. Por exemplo, o arqueólogo Paulo Zanetinni atualmente promove atividades educativas em um ônibus para divulgar os principais trabalhos realizados por arqueólogos brasileiros e segundo, o arqueólogo, projetou este

ônibus lembrando de quando em sua infância entrou no ônibus de Hidasí (ZANETINNI, entrevista de 02.12.2004). Por outro lado, o artista plástico goiano Siron Franco diz guardar em seu imaginário, lembranças intensas de sua entrada no ônibus de Hidasí, de forma que em 1970, essas lembranças se refletiriam em sua obra, no quadro “*Nascimento Duplo*”. (Depoimento registrado no documentário A Cegonha Dourada). Aqui vale recorrer a Halbwachs (1990) para quem a memória é um pensamento contínuo que retém do passado o que está vivo ou é capaz de viver na consciência do grupo que a mantém, ao passo que a lembrança é uma REconstrução do passado com a ajuda de dados do presente e são coletivas, de forma que cada memória individual é um ponto de vista de uma memória coletiva, assim o arqueólogo, o artista plástico e cada indivíduo reconstrói do passado, com dados do presente, lembranças que compõem uma memória individual, que é uma abordagem da memória coletiva.

Foram quatorze os museus em cuja composição e restauração de acervos culturais e científicos José Hidasí trabalhou. Dentre eles: em Buenos Aires, Argentina, o Museu Nacional Rivadavia Xavier; no Chile, o Museu Nacional; na França, o Museu Nacional; na Hungria, o Museu Nacional de Budapeste e Móra Perene Múzeum, em Szeged; na África, o Museu Nacional do Quênia e o Transvaal Museum em Pretória. Em sua vida, José Hidasí traçou seu papel social no qual se auto-define:

Eu era um elo entre o cientista e o povo. Em palavras singelas, eu mostrava a importância da ornitologia para um público simples. A maioria não conhecia e nem se interessava por acervos científicos. Atrás dos explicativos do Dr. Sick, compilei sua instrução, as coleções científicas que eram a sua paixão e ficavam sempre escondidas, guardadas no Museu Nacional (HIDASÍ, em entrevista de 12.08.2005).

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira. Se os trabalhos de Hidasí fazem parte da memória daqueles que os conheceram, e se para desenvolvê-los, o pesquisador recorreu às memórias de um grupo social (os índios), então o estudioso engendrou uma produção de acervo que se constitui como patrimônio cultural. Além disso, José Hidasí ressignificou a relação homemXnatureza e em tempos de intensificação da globalização, em que a compressão espaço-tempo reflete na identidade na medida em que eventos em um determinado lugar exercem impacto em pessoas e locais em longa distância homogeneizando uma cultura global, o pesquisador, contrariando a tendência de um cotidiano cercado por tecnologia de ponta, aproxima o homem urbano do ambiente natural.

O cotidiano do homem contemporâneo passa-se no ambiente urbanizado, globalizado e impulsionado pelo poder econômico, de forma que, conforme Bourdieu (1999), os campos dominantes se beneficiam de um capital simbólico, difundido e reproduzido pelas práticas sociais, permitindo-lhes o exercício do poder. Hidasí recorre aos campos dominados e a partir de suas memórias monta um grande acervo e passa a trabalhar na construção de importantes museus do ponto de vista científico e

cultural. A obra construída por José Hidasí torna-se um patrimônio cultural, na medida em que reúne várias espécies da fauna brasileira, resignificando as memórias dos conhecedores da floresta, os índios, e servindo de ligação entre o ambiente natural e o homem urbano, tornando-se parte da memória coletiva e resignificando a própria identidade local.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na sociedade globalizada os campos dominantes, como estratégia de poder, buscam homogeneizar valores, costumes e modos de vida, valorizando alguns símbolos da cultura de uma dada sociedade em detrimento de outros, de forma que nestes símbolos excluem-se as referências de grupos dominados, como as memórias indígenas e valoriza-se modos de vida relacionados ao uso da tecnologia e afastados. O que Hidasí faz é apropriar-se das memórias dos dominados e, resignificando-as, as utiliza na composição de um acervo relacionado ao ambiente natural, que por sua vez está distante do homem urbano contemporâneo, inserido no modo de vida imposto pela indústria cultural.

O papel social realizado por José Hidasí ao longo do seu tempo foi marcado pela mudança de comportamento de naturalista profissional, na época respaldado por uma legislação e pela tradição alemã, para a de naturalista Ambiental. Esse processo passou a vigorar no Museu Itinerante que percorreu por vinte anos o país fazendo um trabalho pioneiro de Educação Ambiental, tornando-se “elo” entre a ciência e a comunidade ou a natureza e a sociedade. Porém, Hidasí não é apenas um elo entre a sociedade urbana e o ambiente natural, mas ao reapropriar o discurso de um grupo do campo dominado, torna-se o elo entre as memórias deste grupo, seus saberes e sua relação com a natureza para com o homem contemporâneo em seu espaço construído. Desconsiderar essas produções seria desprezar as raízes identitárias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, R. ***A Fabricação do Imortal***. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. ***Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos***. Rio de Janeiro, ed. Jorge Zahar, 1985 [1945].

BARTH, Fredrik. ***Ethnic Groups and Boundaries***. London: George Allen & Unwin, 1969 [1998].

BOURDIEU, Pierre. ***A economia das trocas simbólicas***. São Paulo: Editora Perspectiva, 1999.

BRANDÃO, Carlos R. ***Identidade e Etnia: Construção de pessoa e resistência social***. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CUNHA, Manuela C. **Antropologia do Brasil: mito, história e etnicidade**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

DaMATTA, Roberto. **O que faz o Brasil, Brasil?**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1998.
FREUD, S. Sobre a Transitoriedade. Rio de Janeiro: Imago, 1997[1915].

GASPAR, A. **Museus e Centros de Ciências – Conceituação e Proposta de um Referencial Teórico**. São Paulo: USP, 1993.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990 [1950].

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu de Silva. 5 ed. Rio de Janeiro: DP& A, 2001.

LA PENHA, G. M. *Centros de Ciências: Novas Funções*. In: *A hora e lugar dos Centros de Ciências – Mesa Redonda da 4ª Reunião anual da SBPC*, Porto Alegre – RS, jul 1990.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

PRATT, M.L. **Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação**. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

PRESTES, M. E. B. **A investigação da Natureza no Brasil Colonial**. São Paulo: Fapesp, 2000.

RIBEIRO, Darcy. **O povo Brasileiro**. São Paulo: Companhia das letras, 1995.

SAHLINS, M. O pessimismo sentimental e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um “objeto” em via de extinção (parte II). **Revista Mana**, nº 02, Rio de Janeiro, out. 1997.

SCHWARCZ, L. K. M. A natureza como Paisagem: imagem e representação no Segundo Reinado. **Revista USP**, São Paulo, nº 58, p. 6-29, jun/ago 2003.

SCHWARTZMANN, S. **Formação da Comunidade Científica no Brasil**. São Paulo: Ed. Finep/Cen, 1979.

WOORTMANN, K. **O selvagem e o Novo Mundo**. Brasília. Editora Universidade de Brasília, 2004.